



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

02 de outubro 2013



Veículo: Notícias do Dia- Joinville

Editoria: Memória Escolas

Data: 15/10/2013

Assunto: A escola que ajudou a erguer uma comunidade

Página: 15

Notícias do Dia

A escola que ajudou a erguer uma comunidade

Modelo de vida. A rígida professora Antônia Alpaídes entrou para a história como a primeira diretora negra de escola de SC

ROSANA RITTA
rosanaritta@noticiasdodia.com.br

Ensinar a ensinar. Este era o lema da professora Antônia Alpaídes Cardoso dos Santos. A joinvilense, nascida em 4 de janeiro de 1904, escreveu com caprichada letra sua história e garantiu seu nome para a posteridade ao tornar-se a primeira diretora negra de escola do Estado. Hoje, batiza a Escola de Educação Básica Antônia Alpaídes Cardoso dos Santos, localizada no bairro Nova Brasília, e uma rua do bairro Iririú, ambos em Joinvil-

le. Mulher, negra, de origem humilde, nascida em uma terra em que se sobressai a cultura alemã, no princípio do século passado, Antônia, contrariando todos os prognósticos, mudou, por meio do ensino, o seu destino e o de centenas de pessoas. E assim foi até o último suspiro, em 19 de outubro de 1968, aos 64 anos.

Já aposentada, três anos antes havia revelado aos familiares e amigos o orgulho de ter sido homenageada com o nome da escola do Nova Brasília, um feito que, acredita a ex-diretora da escola e hoje presidente da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Ex-

cepcionais) de Joinville, Heloísa Walter de Oliveira, deva-se ao então deputado – já falecido – Nagib Zattar, um dos alunos de Antônia.

E, justamente nesta semana em que a maioria dos museus do país se dedica ao evento batizado de 7ª Primavera dos Museus, que tem como tema a cultura afro-brasileira, o nome da professora Antônia vem à tona não só em uma exposição sobre os negros ilustres da cidade, na Estação da Memória, mas nesta que é a quarta reportagem da série “Memória Escolas”, em que o *ND* resgatá a história das escolas locais e de seus patronos.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Escola mudou destino de muitas famílias

A Escola de Educação Básica Antônia Alpaídes dos Santos é considerada, desde sua fundação, em 1º de março de 1965, a oportunidade de uma nova vida para os moradores dos bairros São Marcos e Nova Brasília.

Hoje, instalada em sede própria – o prédio foi inaugurado em 17 de dezembro de 2009 – com quase 4.000 metros quadrados de área construída, em área de mais de 10 mil m², na rua Minas Gerais, tem 1.175 alunos. Funciona nos três turnos, do ensino fundamental ao médio, além de integrar o Saede (Serviço de Atendimento Educacional Especializado).

Quem circula pelos dois pisos e as amplas dependências ligadas por escadas e rampas em nada lembra o início humilde das atividades da Escola Reunida Professora Antônia Alpaídes Cardoso dos Santos, na rua Padre Bernardo, no mesmo bairro, em apenas duas salas.

Junto com os assessores Catia Linzmayer e João Maria Neves, o diretor Isaias Bernardino Borges Júnior, professor de história da unidade há 11 anos, observa que

apesar de alguns pontos ainda merecerem atenção – um deles é o ginásio de esportes, que recém-inaugurado sofreu com a ação de um vendaval e agora deve ser reformado, mas a demora tem provocado protestos de alunos e professores – o prédio tem uma boa estrutura, em especial no que se refere à acessibilidade.

Mas chegar ao estágio atual não foi fácil. A orientadora educacional, ex-aluna e ex-diretora Márcia Aparecida Bonet Olosz recorda das dificuldades enfrentadas e das sucessivas interdições sofridas até que a escola chegasse à estrutura atual. Márcia dirigiu a escola de 2008 a 2013, mas trabalha lá há 19 anos.

Nascida e criada no bairro, ela destaca a importância que a escola tem no crescimento da região. “Ajudou a romper estigmas, além de dar oportunidades às famílias”, destaca, enfatizando os bons índices do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). “Em 2011, o 5º ano chegou a 6,2 pontos e queremos melhorar ainda mais.”

Neto se tornou professor

Quem conheceu Antônia destaca seu caráter abnegado e sua perseverança. Leitora assídua, tinha preferência pela matemática e dominava o idioma alemão. Mas também era muito rígida. Nos raros registros sobre sua carreira, conta-se um caso ocorrido com um aluno de 3º ano do Grupo Escolar Rui Barbosa, em 1942.

A professora havia mandado os alunos estudarem a tabuada de 5 a 9. Mas um dos alunos que não estudou foi chamado a recitar a tabuada no 9. Vermelho e apavorado, o menino se preparava para confessar a falta de obediência quando a então diretora Déspida Nicolau Espirides bate à porta da sala de aula e requisita a professora para assinar documentos, enquanto o menino espiava a tabuada. Lá fora, ele confidenciou aos colegas: “Puxa, rapazes, hoje eu nasci de novo...!”

Antônia Alpaídes teve dois casamentos e dois filhos do primeiro casamento, com Antônio Alpaídes Veríssimo, que morreu precocemente: Élio Cardoso Veríssimo e Anna Maria Veríssimo da Costa. Com os filhos já falecidos, parte da memória da família é guardada com a viúva de Élio, Áurea, que mora em Curitiba com as três netas da patrona – Silvana Cristina, Josélia Cristiane e Isabela Patrícia.

Em Joinville, moram dois netos de Antônia, filhos de Anna Maria – o professor de educação física e integrador esportivo da SDR (Secretaria de Desenvolvimento Regional) Sérgio Dirceu da Costa, o popular Billy, e o terapeuta ocupacional do INSS Paulo Roberto da Costa.

O aluno que virou deputado

A escolha do nome da escola, segundo registros históricos, justificou-se pela contribuição que a professora Antônia Alpaídes, durante 30 anos, dedicou ao magistério estadual. Antônia cursou a escola normal no Instituto Dias Velho, em Florianópolis. Iniciou a carreira no magistério no atual Colégio Estadual Professor Joaquim São Tiago, em 1926, aos 22 anos, nomeada pelo secretário do Interior, que mais tarde a designou para exercer o cargo de professora nas escolas reunidas de Joinville.

Foi professora no Grupo Escolar Rui Barbosa, após exercer a função de vice-diretora. Também dirigiu o Grupo Escolar Germano Timm, a convite do então prefeito João Colin. Depois, transferiu-se para o Grupo Escolar Conselheiro Mafra, ali permanecendo até se aposentar, em 1956.

A aposentadoria não significou abandono do magistério. Continuou a lecionar como professora particular em sua própria casa, construindo ali um local apropriado à sua missão de ensinar.

Entre seus ex-alunos, figuras de destaque na sociedade joinvilense e no Estado, que também deixaram seus nomes para a posteridade: deputado Adhemar Garcia Filho, que batiza CEI, bairro e conjunto residencial na zona Sul; o cardiologista Tufi Dippe, que batiza escola do bairro Iriú construída em terreno doado por ele; e o ex-deputado Nagib Zattar, também nome da escola no bairro Jardim Paraíso.



Veículo: Notícias do Dia- Joinville

Editoria: Estado

Data: 02/10/2013

Assunto: Todos os contornos do Estado

Página: 19

Notícias do Dia

Todos os contornos do Estado

A primeira coisa que a professora de geografia Débora Aguiar faz ao elaborar o planejamento de aula é incluir os mapas na metodologia. “Coloco embaixo do braço e vou para a sala”, conta ela, que leciona para o ensino fundamental e médio em três escolas na Capital, fazendo 65 horas semanais.

A professora ressalta que o primeiro contato com a cartografia já começa nas séries iniciais. Mas o estudo que aprofunda os elementos que compõem um mapa inicia no sexto ano (antiga 5ª série), conforme determinação do Plano Nacional de Educação. “Saber ler mapas faz os alunos entenderem melhor, porque ilustra o conteúdo”, explica Débora, que comandou a produção de mapas pelos alunos para participação na Feira de Ciências da escola.

O aluno do ensino médio da Escola de Educação Básica Professor Henrique Stadiack, de Florianópolis, Charles Costa, 16 anos, concorda com a professora. “Para mim, todas as aulas poderiam ter mapas, porque conseguimos ter uma melhor percepção do conteúdo”, diz ele, que adora geografia e usa mapas em casa para estudar.

Uma ação do governo vai ajudar o aluno Charles e a professora Débora no manuseio e na atualização de dados geográficos. É que a Secretaria de Estado do Planejamento lançou nesta semana o primeiro fascículo da nova edição do Atlas Geográfico de Santa Catarina, uma atualização da versão de 1986.

Ao todo, serão nove fascículos atualizados até o fim de 2014, que abordarão em nove atlas todo o conteúdo antes condensado em um só, porém com mais informações e aprofundamento sobre a distribuição geográfica de Santa Catarina. Os 5.000 exemplares da edição serão distribuídos nas próximas semanas para as bibliotecas da rede pública de ensino e ficarão à disposição de professores e alunos. Primeiramente, as 1.200 escolas estaduais receberão o material. Depois, todas as municipais.



Aprendizado.
Aluno Charles Costa gosta de estudar com o auxílio de mapas

Versão interativa na internet

Além da distribuição nas escolas, a Secretaria de Planejamento do governo vai disponibilizar todos os capítulos do Atlas Geográfico atualizado na internet, no site do governo, para que a população também tenha acesso. Segundo o diretor de Estatística e Cartografia do Estado, Carlos Luz, o governo também tem a intenção de lançar um atlas multimídia, que será todo digital e interativo. “Foi uma ideia que lançamos durante a elaboração deste trabalho e que está em planejamento”, ressalta.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Nova edição traz novidades

O projeto de atualização do Atlas Geográfico do Estado é baseado no trabalho de mestrado do geógrafo Fernando João da Silva e traz informações completas e atualizadas sobre a evolução da divisão político-administrativa de Santa Catarina, ilustrada com mapas da origem dos municípios catarinenses desde 1728, além dos limites geográficos, o que antes não tinha, e símbolos oficiais. O fascículo 1 traz ainda o mapa político do Estado atualizado com os dois últimos municípios instalados em janeiro de 2013, Balneário Rincão e Pescaria Brava, na região Sul, além de dados históricos.

Ségundo o geógrafo Fernando, Santa Catarina apresentou o primeiro Atlas no Brasil em 1958 e inspirou outros municípios a elaborarem o material. "Era bem simples, com conteúdo restrito, mas que serviu como modelo para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) requerer atlas de todos os municípios", explica Fernando. Em 1955, Santa Catarina tinha 67 municípios.

Quase três décadas mais tarde, em 1986, o Estado lançou o novo Atlas, com 173 páginas e dados técnicos do início da década de 80, num formato maior e de difícil manuseio. Foram 5.000 exemplares distribuídos

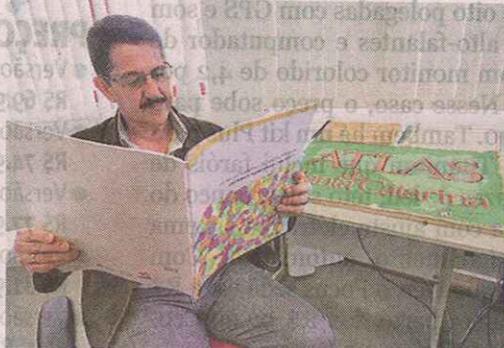
no Estado todo. Neste período, Santa Catarina já tinha 199 municípios. Em 1991, para facilitar o uso do Atlas nas escolas, o Estado, com 260 municípios, condensou o conteúdo e lançou o Atlas Escolar, com 50.000 exemplares distribuídos nas escolas para atender primeiro e segundo grau. Ambas as publicações tiveram muita procura e estão esgotadas há 20 anos.

A nova edição vem justamente para suprir essa demanda e ao mesmo tempo atualizar as informações destas mais de duas décadas e meia de história, com a criação de mais 96 municípios. "Decidimos publicar em capítulos, cada um com uma temática, para facilitarmos a busca por dados e o manuseio do material", ressalta Fernando.

O primeiro fascículo tem 76 páginas e usa a tecnologia para ilustrar os mapas, como imagens de satélite que identificam mais precisamente os limites geográficos do Estado. "Está mais detalhado e tem mais conteúdo, porque traz toda a história de criação dos municípios", destaca Fernando. O investimento do Estado no primeiro capítulo foi de R\$ 45 mil.

Os próximos capítulos do Atlas trarão outros temas como informações econômicas.

Precisão.
Geógrafo
Fernando João
da Silva traz
informações
desde à
criação de
todos os 295
municípios



FLAVIO TIM/ND
DIVULGAÇÃO/ND



**Nos mínimos
detalhes.**
Mapa usa
imagens de
satélite para
determinar
os limites
geográficos



Veículo: Notícias do Dia- Joinville

Editoria: Cidade

Data: 02/10/2013

Assunto: Esporte prejudicado

Página: 12

Notícias do Dia

Esporte prejudicado

Protesto. Alunos da Escola Antônia Alpaídes reclamam da demora no reparo da quadra de esportes

ROSANA ROSAR

rosana@noticiasdodia.com.br

Os estudantes da Escola Estadual Professora Antônia Alpaídes Cardoso dos Santos, no bairro Nova Brasília, voltaram a protestar na manhã desta sexta (27). Em junho, eles haviam fechado a rua Minas Gerais para reclamar da demora para início e término da reforma da quadra de esportes da unidade de ensino, fechada há um ano. Agora, eles lembraram que o ano letivo deverá acabar sem que eles tenham feito educação física no espaço nesse ano.

De acordo com o gerente de infraestrutura da SDR (Secretaria de Desenvolvimento Regional), Fabiano Lopes de Souza, as obras começaram na última segunda e devem

ser concluídas ainda em 2013.

A PEC Engenharia receberá R\$ 149 mil para recuperar o telhado e reforçar a drenagem da estrutura. “O prazo é mais elástico, de 90 dias, mas esperamos que eles terminem em uns 70”, detalha.

Bruno Luan Monteiro, 18 anos, aluno do terceiro ano do ensino médio, reclama que a licitação demorou muito para ser realizada e prejudicou as aulas de educação física durante o ano. “Já era para ter começado e terminado. Agora vamos poder usar só ano que vem. Também estamos protestando pela qualidade do ensino e contra a repressão”, comentou. Os alunos não descartam uma nova manifestação nas próximas semanas depois que conversarem melhor sobre os problemas.



Mobilizados. Estudantes pedem solução mais rápida para a quadra



Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Região

Data: 02/10/2013

Assunto: Envenenamento na EE Senador Renato Ramos da Silveira

Página: 27

Notícias do Dia

PALHOÇA

Laudo dirá se água de escola foi envenenada

A suspeita se a caixa d'água da Escola Estadual Senador Renato Ramos da Silva, de Palhoça, foi envenenada só será sanada na próxima segunda-feira. Dia em que o IGP (Instituto Geral de Perícia) entrega o laudo do Instituto de Análises Forenses sobre as amostras de água coletadas no local.

Se alguma substância tóxica tiver sido jogada na água, a Polícia Civil irá abrir um inquérito policial para investigar os culpados. Imagens compiladas das 16 câmeras de vigilância mostram um grupo de 13 adolescentes pulando o muro, invadindo salas de aulas e quebrando portas para utilizar como obstáculos de uma pista de skate improvisada no pátio.

O diretor da instituição, Renato Melo Tives, informa que quatro boletins de ocorrência



Interditada. Aulas podem ser retomadas esta semana, mas não há certeza

foram registrados desde o início do ano sem solução. Segundo Tives, são ex-alunos que invadem o terreno e vandalizam as salas de aula. Final de semana, oito salas foram depredadas.

As invasões são sempre depois das 19h e aos finais de semana, quando não há guarda na escola. O posto da Polícia Militar, na esquina do prédio, não impede a violência.

A violação da caixa d'água e as três crianças que tiveram dor de estômago fizeram com que as aulas fossem suspensas por três dias, 1100 crianças ficaram sem estudar. A Vigilância Sanitária pediu à Secretaria de Estado da Educação a limpeza e desinfecção do reservatório, que foi aprovada ontem pelo gerente da Secretaria, Mario Benedetti. (Aline Torres)



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Notícias

Data: 02/10/2013

Assunto: Vandalismo na EE Senador Renato Ramos da Silveira

Página: on-line

Notícias do Dia

Alunos passam mal, após vândalos invadirem escola em Palhoça

Aulas na Escola Estadual Senador Renato Ramos da Silva estão suspensas

Três alunos passaram mal depois que a Escola Estadual Senador Renato Ramos da Silva, no bairro Barra do Aririú, em Palhoça, foi invadida por adolescentes. Oito salas de aulas foram depredadas e a caixa de água da instituição havia sido mexida, fato que preocupou professores, pelo risco de envenenamento. As aulas foram suspensas nesta terça-feira.

Às 19h, quando a vigilante Viviane Lavil, 26 anos, encerrava o expediente, a Escola Estadual Senador Renato Ramos da Silva é invadida. E se antes, a diversão da garotada era pular o muro e andar de skate nas lajotas do pátio, agora é destruir as salas de aula. No fim de semana, oito salas foram depredadas, e a caixa d'água foi mexida. A hipótese é que a água tenha sido envenenada.

Na sala da 1ª Série, invadida no fim de semana, havia tintas jogadas no chão, vidros estilhaçados e bonecas desmembradas. As crianças comovidas com a cena foram liberadas pela professora Dulce Helena Marques, mas não foram as únicas. Logo um novo alerta fez com que as aulas fossem canceladas até quarta-feira. Três crianças tiveram dor de estômago, possivelmente em consequência da violação da caixa d'água.

A Vigilância Sanitária e o IGP (Instituto Geral de Perícia) recolheram amostras da água cujo laudo fica pronta esta semana.

Apesar de a escola ficar num dos bairros de alta criminalidade de Palhoça, a Barra do Aririú, os problemas começaram neste ano, mas estão tão sem controle que a reforma feita em 2010 já não é notada. As paredes estão pichadas com o nome da banda de rap carioca Cone Crew, as vidraças quebradas são remediadas com tapumes e as portas remendadas com madeiras, os extintores de incêndio estão vazios.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Atos de vandalismo são recorrentes

Para evitar atraso no calendário letivo da escola, a Secretaria Estadual da Educação solicitou a limpeza e desinfecção do reservatório, que abastece 1.100 alunos e 50 funcionários. Enquanto isso, os bebedouros estão lacrados com fita e lona preta para evitar o consumo dos desavisados.

De acordo com o diretor da instituição, Renato Melo Tives, a solução é contratar vigilância noturna e aos finais de semana, já que as 16 câmeras de segurança não impedem os atos de vandalismo. A Secretaria de Educação não se posicionou sobre o pedido, mas antecipou que irá trabalhar em projetos e ações preventivas que tiveram êxito em outros casos.

As últimas imagens nítidas das câmeras identificam 13 menores, quase todos ex-alunos da Renato Ramos da Silva, arrancando portas para transformá-las em obstáculos para o skate. Desde janeiro, quatro boletins de ocorrência foram registrados, sem solução. E nem o posto da Polícia Militar, na esquina da instituição, intimida a violência.

A professora Dulce Helena Marques fez um desabafo emocionado à reportagem da RICTV. "A situação está sem controle, porque aqueles que estamos tentando educar são os que invadem, entram, e fazem isto com a escola". *eduardo valente/nd notícias do dia Florianópolis*, terça-feira, 1 de outubro DE 2013 Região 19 Barra do Aririú. Vândalos jogaram tinta pelo chão, depois de quebrarem a porta da escola Senador Renato Ramos da Silveira



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Semanário Catarinense

Editoria: Estado

Data: 02/10/2013

Assunto: IBGE confirma: Número de analfabetos em SC é o menor do Brasil

Página: 09



IBGE CONFIRMA: Número de analfabetos em SC é o menor do Brasil

Para a Secretaria de Educação do Estado, a redução do analfabetismo está relacionada ao programa SC Alfabetizada. De acordo com o IBGE através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Pnad, SC possui 3,2% da população sem estudo, enquanto 3% da população não estão empregadas.

Dentro das ações que fazem do Estado catarinense referência nacional, estão as melhorias nas políticas públicas, como a oferta de Educação de Jovens e Adultos em todas as regiões do Estado. São 40

Centros de Educação de Jovens e Adultos (Ceja), que fazem parcerias com cerca de 90% dos municípios. Também em parceria com a União, a SED desenvolve o Programa Santa Catarina Alfabetizada, que já atendeu cerca de 60 mil jovens e adultos, levando o conhecimento para todos os segmentos. "Alfabetizamos em presídios, na área rural, em comunidades indígenas e quilombolas, e em áreas para tratamento de dependentes químicos", afirma Marcia Aparecida Vieira, gestora do Programa Santa Catarina

Alfabetizada.

O trabalho realizado pelos profissionais que lecionam para jovens e adultos também auxiliou na redução da analfabetização. Um exemplo disso é a estudante do Ceja de Florianópolis, Clarinda Godinho, 55 anos, que por ter que cuidar de cinco filhos pequenos, acabou priorizando a educação deles e adiando a própria estreia na sala de aula. A reviravolta veio por meio de uma negativa. Quando estava aguardando para matricular um dos filhos no Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, recebeu um formulário para

preencher. Sem saber o que fazer, pediu a ajuda de outra pessoa que estava na fila. "Daquele dia em diante resolvi que iria começar a estudar", afirma. Ela procurou o Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja) de Florianópolis.

Hoje, ela sabe ler, escrever e entreter-se com os livros em casa. Segundo Clarinda, ela não precisa mais pedir ajuda aos vizinhos para ler caixas de remédios, dificuldade que tinha quando os filhos eram pequenos. Sua autoestima melhorou e os planos para o futuro estão renovados, a próxima meta é cursar Psicologia.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Revista Gestão Educacional	Editoria: Entrevista	Data: 02/10/2013
Assunto: Para enriquecer a aprendizagem		Página: Online

Gestão EDUCACIONAL

Para enriquecer a aprendizagem

Método de Educação por pares requer estudo prévio da matéria e que cada aluno explique conceitos para os colegas, explica o pesquisador Eric Mazur

Um dos principais objetivos dos professores sempre foi o progresso de seus alunos, algo que nem sempre é possível por meio das pedagogias tradicionais. Ao notar que a aprendizagem dos estudantes de Física ficava bem aquém do desejado, o professor e pesquisador de Harvard, Eric Mazur, começou a elaborar, em meados dos anos de 1990, o método de educação por pares (peer instruction, em inglês). “A educação por pares engaja os estudantes durante a aula por meio de atividades que requerem que cada um estude os conceitos principais que estão sendo apresentados e depois explique esses conceitos para seus colegas.

Em vez da prática comum de fazer questões informais durante uma apresentação, o que tipicamente envolve alguns poucos alunos altamente motivados, o processo mais estruturado de estudos da educação por pares envolve todos os estudantes da turma”, descreve Mazur, em artigo publicado em 2001.

Essa metodologia demanda uma série de alterações na rotina de sala de aula e no papel do professor. Em primeiro lugar, as pesquisas devem ser realizadas antes da aula, de modo que os estudantes já cheguem na sala com conhecimentos (e dúvidas) pré-adquiridos.

De acordo com Julie Schell, pesquisadora sênior da Universidade de Harvard, associada ao Grupo Mazur (grupo de estudos liderado pelo pesquisador), os debates dentro de sala de aula são auxiliados por pequenos testes conceituais, que são desenvolvidos para dar aos estudantes plenas oportunidades de usar os conhecimentos adquiridos. Após os alunos responderem aos testes, eles trocam seus conhecimentos por meio de uma discussão que envolve a sala toda. “Os professores revisam as respostas e passam a aula, obtendo, confrontando e resolvendo as dificuldades e as concepções erradas dos estudantes dentro daquele assunto. O ciclo se completa com uma atividade final sobre o conceito estudado através da discussão em sala”, explica Julie.

Para motivar os alunos a participar, a pesquisadora afirma que o melhor jeito é agrupar jovens que tenham opiniões diferentes. “Isso leva os estudantes a um estado de raciocínio, onde eles discutem o porquê de terem respondido do jeito que responderam, e isso os ajuda a resolver quaisquer dissonâncias”, afirma a norte-americana, que destaca também a eficácia do método: “vinte anos de pesquisa nos sugerem que os estudantes desenvolvem tanto um entendimento conceitual mais profundo como maiores habilidades para resolver problemas nas matérias ensinadas por meio da educação por pares”.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Experiências no Brasil

Apesar de o conceito da educação por pares ter surgido nos Estados Unidos, já existem algumas experiências no Brasil com o uso dessa metodologia. Uma delas é a série de fascículos Adolescentes e jovens para a educação entre pares, lançado em 2010, como parte do projeto Saúde e Prevenção na Escola, do Ministério da Saúde.

A iniciativa faz uso da educação por pares para conscientizar os estudantes do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e do uso de drogas lícitas e ilícitas. O material produzido para o projeto pode ser acessado e baixado gratuitamente no endereço www.aids.gov.br/publicacao/adolescentes-e-jovens-para-educacao-entre-pares-spe.

A educação por pares pode ser utilizada também para o ensino de conteúdos didáticos, conforme experiência do professor Sandro Prass, que leciona Física para turmas da 8ª série e do ensino médio dos colégios Murialdo, de Caxias do Sul; Medianeira, de Bento Gonçalves; e Regina Coeli, de Veranópolis, todos no Rio Grande do Sul.

Após ter contato com as pesquisas de Mazur, Prass resolveu adaptar o peer instruction para suas aulas. “O que mais nos atraía na proposta era a ideia de ter em aula alunos que pudessem discutir os conteúdos, falar sobre eles, dar exemplos, conceitos, propor experimentos e, no geral, construir a própria aula junto comigo, que antes era totalmente orientada por mim”, afirma o educador gaúcho.

O trabalho de Prass com o método foi gradual, começando com uma solicitação de pesquisa em casa sobre as Leis de Newton. “Um total de 120 alunos deveriam pesquisar na internet e em livros os assuntos propostos, fazer anotações do que achassem mais interessante, exemplos, citações, fórmulas e figuras, e trazer para a próxima aula para discussão. Na aula seguinte, fizemos a abertura dos trabalhos com uma pequena introdução, coisa de um ou dois minutos apenas, daí demos a palavra aos alunos. O que se viu foi uma imensa disposição por expor a compreensão que eles tinham sobre os assuntos pesquisados, eles iam complementando uns aos outros nas suas explicações”, relata o professor, que se mostra muito satisfeito com os resultados obtidos. “O maior ganho que tivemos com o uso dessa técnica foi que alguns alunos que participavam muito pouco das aulas expositivas me surpreenderam com as suas colocações durante as discussões. Cheguei até a testar se eram apenas citações decoradas e tive como resposta argumentações muito bem elaboradas. Quantitativamente, tivemos uma melhora de mais de 23% no número de notas acima da média em todas as avaliações que sucederam a aplicação da técnica”, revela Prass, que acredita também na utilização da educação por pares em outras disciplinas. “A técnica tem potencial de mobilização dos estudantes para ser utilizada até mesmo em Matemática, que é uma disciplina que supostamente não dá muita abertura para uma discussão teórica, mas é possível. Utilizamos a técnica do peer instruction em uma aula sobre polígonos e o resultado foi excelente”, conclui o professor.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Revista Profissão Mestre	Editoria: Educação	Data: 02/10/2013
Assunto: Movido a desafios		Página: Online



Movido a desafios

Pesquisa revela que jovens desistem da carreira docente devido à baixa remuneração

Normalmente, os fatores que espantam o interesse do jovem pela profissão de professor são conhecidos (e sentidos) por todos os profissionais da Educação. No entanto, apesar desses fatores, é possível conseguir realização na carreira, buscando uma atuação socialmente solidária, sem se esquecer do debate para mudar a realidade dos sistemas educacionais em funcionamento hoje. Porém, para que a profissão não sofra um “apagão” e caia em “desuso” por falta de profissionais, é necessária a reestruturação dos sistemas e também da forma de atrair o jovem para aceitar os desafios da docência.

De acordo com a diretora-executiva do movimento Todos pela Educação, Priscila Cruz, a atratividade da carreira só será possível com mudanças estruturais que ofereçam ao professor um salário inicial atraente, a valorização social da profissão e melhores condições de trabalho. “Os sistemas de ensino, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação estão se movimentando nesse sentido. O que incomoda é a vagariedade, deveria haver um maior sentido de urgência”, avalia Priscila.

A diretora explica que, devido ao cansaço típico da docência – tendo em vista a forma como ela é praticada atualmente no Brasil –, os formados em licenciaturas ou áreas de disciplinas trabalhadas no ensino básico acabam optando pela pesquisa ou por outras atividades mais atraentes financeiramente e em termos de estrutura de trabalho. “Apenas 10% dos concluintes do ensino médio têm conhecimento adequado para a série em Matemática. Após a licenciatura [em Matemática], alguns que estavam a um passo da sala de aula são de imediato absorvidos por bancos ou pelo mercado financeiro”, exemplifica a diretora.

Segundo o estudo Atratividade da carreira docente no Brasil, publicado em 2009 pela Fundação Carlos Chagas, o momento atual é de jovens, com embasamento bastante sólido, fugindo da função de mestre. A percepção dos alunos é a de que o professor é um profissional relevante, que serve de modelo ou exemplo a ser seguido, atua como formador de opinião e possui valor social, mas é um profissional desvalorizado e desrespeitado por alunos, sociedade e governos.

A pesquisa foi realizada em 18 escolas públicas e particulares, em oito cidades de grande ou médio porte nas cinco regiões do País: Campo Grande (MS), Curitiba (PR), Feira de Santana (BA), Fortaleza (CE), Joinville (SC), Manaus (AM), São Paulo (SP) e Taubaté (SP). Em cada escola, foram montados grupos de discussão com 10 alunos (193 jovens no total) e foram distribuídos questionários para todos os alunos do 3º ano do ensino médio, totalizando 1.501 respostas. De todos os participantes, 67% sequer consideraram a hipótese de seguir a carreira docente. Entre os 9% que escolheram disciplinas específicas do ensino fundamental II ou do ensino médio para a sua formação universitária, 52% declararam ter pensado em ser docentes e 39% querem ser professores. Nas escolas públicas, a diferença entre os que pensaram e os que querem a carreira é de 14% (de 53% para 37%, respectivamente), enquanto nas particulares, ambientes mais controlados, há apenas uma variação de 51% para 50%.

Segundo o relatório final da pesquisa, os jovens que pensaram em ser professores e desistiram apontam a baixa remuneração como o fator decisivo para a escolha. Alguns alunos acreditam até que a profissão de docente está fadada ao desaparecimento. No entanto, é uma possibilidade considerada menos chocante se realizada complementarmente, de forma secundária, concomitantemente a outra atividade profissional ou quando já tiver estabilidade financeira.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Desafios

O físico e professor Luís Carlos de Menezes, do Conselho Técnico-científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para Educação Básica, atua há décadas na formação de professores. Para ele, a carreira tem que ser remodelada para ser atrativa, mas também é repleta de alternativas e desafios que precisam ser mostrados ao jovem. “Não devemos convidar o futuro professor para reproduzir o mundo, mas para mudar o mundo com o jovem que está com um problema no seu futuro: quais serão as profissões daqui a 20 anos, com as novas tecnologias? O que será do Direito, do Jornalismo, da docência, do pedreiro? Ser educador é um desafio imenso, é educar para o desconhecido, ensinar as pessoas a ser capazes de se reinventarem, olharem para a realidade aprendendo novamente. Pode-se estimular novos professores pelo tamanho do desafio”, defende.

Para Menezes, outra forma de atrair o jovem é focar no dinamismo que a carreira oferecerá futuramente. Um docente de Artes, que possui atividades fora da sala de aula, por exemplo, pode ter na docência uma retaguarda para desenvolver suas habilidades artísticas no mundo exterior aos muros da escola. “É um ofício que permite trabalhar com a juventude, novos fazeres, construir o futuro. O professor é alguém que pode ser autor, produzir conhecimento. É muito desafiador”, considera.

O maior desafio, no entanto, é a atuação nas fronteiras sociais. Apesar da diversidade das condições de trabalho, Menezes acredita que o trabalho em que as condições de vida são mais precárias para a população torna o professor um construtor do futuro. “Nas manifestações deste ano, a palavra mais sinalizada foi educação, dando visibilidade à função do professor. A primeira coisa a ser dita para o professor é que ele é importante, que a educação não é apenas mais um serviço, mas que é a construção de uma nação. A escola é o local onde a criança encontra pela primeira vez a sua nação, quando ela é recebida em um [ambiente] coletivo, reconhecida como pessoa pela sociedade. Quando alguém escolhe ser professor, escolhe ser construtor do País. É uma função de vocação social”, define.

A abordagem proposta por Menezes não ignora o fato da inexistência de uma carreira que mantenha o profissional em sala de aula, com o aperfeiçoamento e o reconhecimento social e salarial. Há, atualmente, alternativas individuais que visam traçar um trajeto de carreira que permita conseguir melhores empregos, como em escolas de alto desempenho, instituições confessionais ou ensino superior. “Não pode haver uma atitude passiva e estática. Sempre buscar formação permanente, mestrado, mestrado profissionalizante ou doutorado não são apenas qualificadores do desempenho, mas também da remuneração e do projeto de vida e carreira”, recomenda.

Mesmo com todos os problemas universalizados na educação brasileira, Menezes avalia que há uma variedade muito grande de condições de trabalho para os dois milhões de professores que atendem em torno de 50 milhões de estudantes no ensino básico, em todo o País, e que permitem a muitos ter satisfação no trabalho. “Não existe uma condição mediana clara deste professor. Há algumas coisas na carreira que são, em média, muito pouco atraentes. A sugestão de longo prazo é colocar escalonamentos que permitam ao profissional enxergar progressão, o que resultaria em mais estímulo ao jovem. A criação de uma carreira com desempenhos e funções diferentes pode ajudar. O professor mais experiente pode ter uma função de formador de docentes dentro da escola, com uma correção vinda do aparelho formador, por exemplo”, sugere.